



A atuação do GTTAP-UFF no processo de gestão do Parque Estadual da Serra da Tiririca, RJ:

conjugando ensino-pesquisa e extensão¹

The role of GTTAP-UFF in the case management of the state park Serra da Tiririca, RJ: coordinating teaching-research-extension

El papel de GTTAP-UFF en La gestion de del Parque Estadual de La Serra da Tiririca, RJ: La coordinación de La investigación-docencia-extension

Aguinaldo Cesar Fratucci <acfratucci@turismo.uff.br >

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Breno Platais Teixeira Brasil <brenoplatais@gmail.com >

Administrador do Parque Estadual Fonte Grande, Vitória, ES. Mestrando em Ecologia de Ecossistema no Centro Universitário de Vila Velha (UVV), Vila Velha, ES, Brasil.

¹ Versão revisada e ampliada do artigo apresentando no 4º Congresso Latinoamericano de Investigación Turística, ocorrido em setembro de 2010 na cidade Montevideo, Uruguai, com o título original "A contribuição da iniciação científica e da extensão universitária para o processo de gestão de unidades de conservação: a interface entre a Universidade Federal Fluminense e o Parque Estadual da Serra da Tiririca – RJ"

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 21-out-2012

Aceite: 07-dez-2013

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTA ARTIGO

FRATUCCI, A.C.; PLATAIS, B. B. T. A atuação do GTTAP-UFF no processo de gestão do Parque Estadual da Serra da Tiririca, RJ: conjugando ensino-pesquisa e extensão. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p.425-440, dez. 2013.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: Este artigo relata a experiência do processo colaborativo de gestão estabelecido entre o Grupo de Trabalho de Turismo em Áreas Protegidas (GTTAP) do Departamento de Turismo da UFF e a equipe gestora do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), demonstrando as possibilidades da prática de processos de iniciação científica e de extensão universitária para a formação do profissional de turismo em unidades de conservação. Tem como pressuposto teórico principal o entendimento de que um projeto pedagógico universitário consistente deve contemplar o tripé ensino-pesquisa-extensão, de maneira articulada, a partir da interdependência entre pesquisar o novo, prestar serviços à comunidade e propiciar ensino gerador de aprendizado com base na realidade local. Nessa direção, apresenta as ações do GTTAP, centradas na constituição de um banco de dados permanentes direcionados para a gestão sustentável do PESET. Apresenta também, o modo como o GTTAP vem proporcionando aos estudantes de graduação em turismo, a aplicação prática dos conceitos e teorias aprendidos em sala de aula, em um importante atrativo turístico da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, concretizando o tripé ensino-pesquisa-extensão, essencial para a sua formação plena, de base humanística.

Palavras-chave: Turismo; Iniciação científica; Extensão universitária; GTTAP/UFF; Parque Estadual da Serra da Tiririca-RJ; Brasil.

Abstract: This paper reports the experience of collaborative management process established between the Working Group of Tourism in Protected Areas (GTTAP) of the Department of Tourism of UFF and the management team of the Serra da Tiririca State Park (PESET), demonstrating the possibilities of practice processes of scientific research and university extension to the training of professional tourism in protected areas. Its main theoretical assumption rises from an understanding that a consistent pedagogical project of higher education must include the tripod teaching-research-extension in an articulated manner, based upon the interdependence between searching the new, rendering services to the community and propitiating teaching which generates learning grounded on local reality. In this direction, it presents the actions of GTTAP/UFF, focusing on the establishment of a permanent database directed to the sustainable management of the PESET. It also indicates that the GTTAP has been providing students with the practical application of concepts and theories learned in the classroom into a major tourist attraction in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro, embodying the tripod teaching-research-extension which is essential for their full training, basic humanistic.

Keywords: Tourism. Undergraduate research. University extension. GTTAP-UFF. Serra Tiririca-RJ Stat Park, Brazil.

Resumen: : En este trabajo se presenta la experiencia del proceso de gestión en colaboración establecido entre el Grupo de Trabajo sobre Turismo en Áreas Protegidas (GTTAP) de la Secretaría de Turismo de la UFF y el equipo directivo de la Sierra de la Tiririca (Peset) State Park, lo que demuestra las posibilidades de la práctica de procesos de investigación científica y de extensión universitaria para la formación de los profesionales del turismo en áreas protegidas. Este artículo analiza las posibilidades de la práctica de los procesos de iniciación científica y de extensión universitaria para la formación del profesional de turismo, a partir de la experiencia del proceso colaborativo de gestión establecido entre el Grupo de Trabajo de Turismo en Áreas Protegidas (GTTAP) del Departamento de Turismo de la UFF y el equipo gestor del Parque Estadual de la Sierra de la Tiririca (PESET). Tiene como pressupuesto teórico principal la comprensión de que un proyecto pedagógico universitario consistente debe contemplar el tripé enseñanza-investiga-extensión, de manera articulada, a partir de la interdependencia entre investigar el nuevo, prestar servicios a la comunidad y propiciar enseñanza generadora de aprendizaje con base en la realidad local. En esa dirección, presenta las acciones del GTTAP, centradas en la constitución de una base de datos permanentes direccionados para la gestión sostenible del PESET. Indica también que el GTTAP viene proporcionando a los estudiantes, la aplicación práctica de los conceptos y teorias aprendidos en sala de aula, en un importante atractivo turístico de la Región Metropolitana de Río de Janeiro, concretizando el tripé enseñanza-investiga-extensión, esencial para su formación plena, de base humanística.

Palavras clave: Turismo. Iniciación científica. Extensión universitaria. GTTAP/UFF. Parque Estadual de la Sierra de la Tiririca-RJ, Brasil.

Introdução

O século XXI trouxe consigo uma longa série de questionamentos e revisões sobre os diversos olhares que vêm se utilizando para apreender e compreender a realidade que nos cerca. O paradigma ainda predominante, cartesiano positivista, que caracteriza o “olhar clássico” da ciência estrutura-se em princípios – ordem, separabilidade e lógica – que já não conseguem mais dar conta dos problemas que se apresentam para a ciência e para os cientistas. O seu pensamento reducionista e simplificador já não é suficiente para conhecermos o mundo que nos rodeia e ao qual pertencemos.

Segundo Edgar Morin, precisamos avançar e “ligar o concreto das partes à totalidade” de modo que seja possível articularmos “os princípios da ordem e da desordem, da separação e da junção, da autonomia e da dependência, que estão em dialógica (complementares, concorrentes e antagônicos) no seio do universo” (2000, p. 205).

Ao aplicar esses questionamentos para o ambiente dos estudos sobre o fenômeno turístico e, em especial, para os processos de formação e capacitação dos profissionais e estudiosos envolvidos com ele, percebemos que estamos longe de atingir a direção que o paradigma da complexidade nos sinaliza. O pensamento complexo nos estimula a incluir a incerteza nos nossos estudos e a buscar a capacidade de reunir, contextualizar, globalizar sem, no entanto, nos afastarmos da busca pelo reconhecimento do singular, do individual e do concreto (MORIN, 2000).

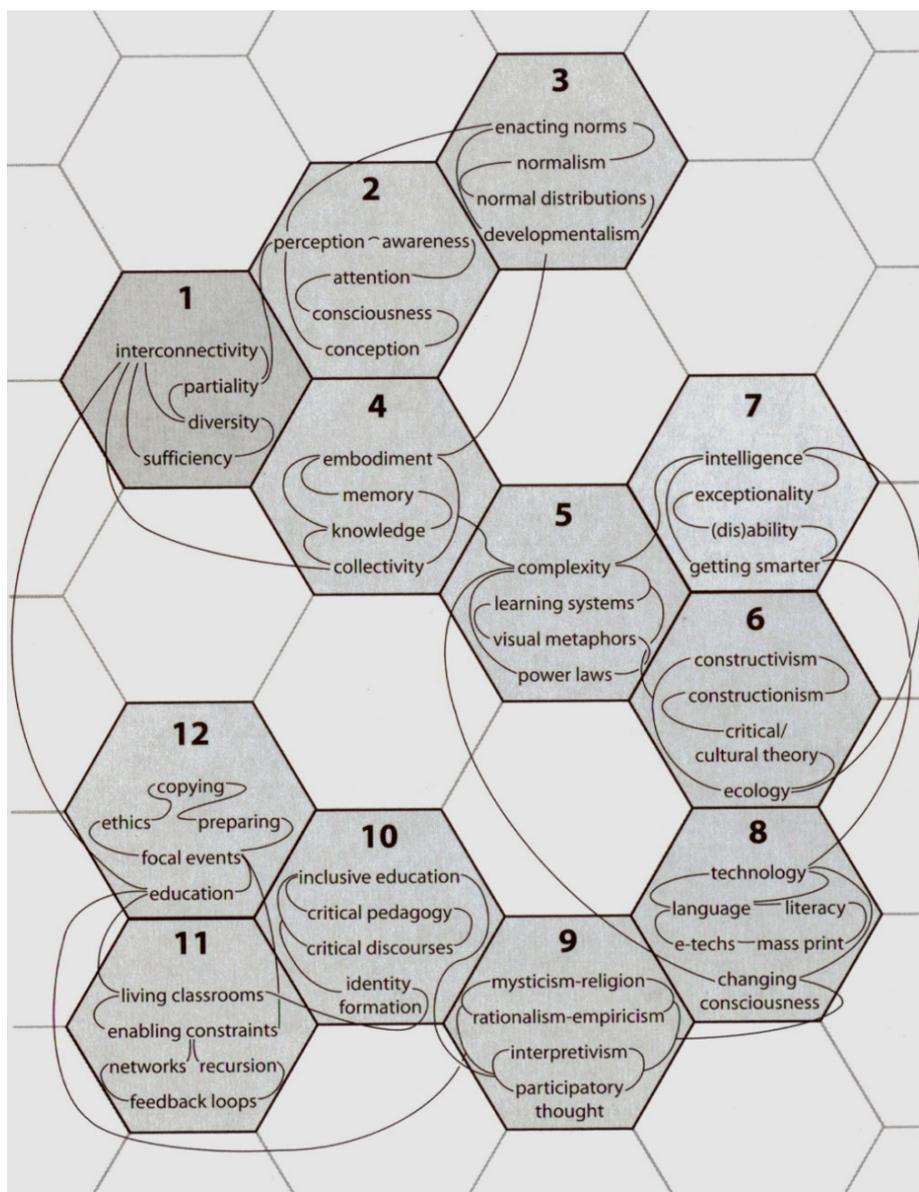
Buscando aprofundar essa reflexão, o presente artigo abre uma discussão sobre a importância da iniciação científica articulada com a extensão universitária para os estudantes de graduação em Turismo e de outras áreas direcionadas aos estudos dos impactos do uso público em unidades de conservação ambiental, a partir do relato da experiência do Grupo de Trabalho de Turismo em Áreas Protegidas (GTTAP) do Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e os desdobramentos da sua interação com a gestão do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET) no período entre 2009 e 2012.

A extensão universitária articulada com a iniciação científica e o ensino

A dinâmica global vem afetando de forma rápida as tendências e preferências dos consumidores e Como estabelecer um novo olhar para o processo de formação dos futuros profissionais de turismo? Como aproximar os estudantes das questões concretas do dia a dia que os cercam, de modo a possibilitar-lhes a aplicação prática e direta do conhecimento adquirido em sala de aula? Nos discursos formais dos projetos pedagógicos e institucionais de nossas universidades, sempre é indicado como base para o sucesso de suas missões, a adoção do tripé ensino-pesquisa-extensão. No entanto, isto não vai além do discurso ou, quando implantados, ocorrem quase sempre, em processos segmentados e estanques, quase sempre a partir da ação dos docentes e discentes e não de um processo articulado estrategicamente pela universidade.

Entendemos que a indissociabilidade daquele tripé é inerente ao modo como a realidade é percebida e processada, logo, como se aprende e como se ensina. Partindo da análise do mapa conceitual (figura 1), proposto por Davis (2008), na obra *Engaging Minds: changing teaching in complex time*, podemos avançar mais na análise dessa realidade.

Figura 1. Mapa conceitual do processo de aprendizagem



Fonte: Davis, 2008, p.134

Podemos destacar no esquema proposto, alguns pontos que nos interessam diretamente. O primeiro é que a parcialidade e a diversidade derivam das interconectividades; a seguir as percepções do todo e do elementar iniciam um ciclo mental fundamental para a ciência: atenção–consciência–concepção. Com base em concepções, passa a ser definido o que é normal e qual é a distribuição normal dos fenômenos.

Este processo nos ajuda a formar o conhecimento e, é nesse momento que percebemos a realidade complexa que envolve o que analisamos. A complexidade nos apresenta a possibilidade da mudança de consciência e um grande caminho de acúmulo de conhecimento, desenvolvimento intelectual e construtivismo que nos levará por sua vez, à mudança de consciência. É um daqueles momentos de retroalimentação em que percebemos para qual direção o pensamento nos levará a seguir, mas também, que é preciso seguir todo um caminho para chegar lá com qualidade.

Por último, este sistema é reintroduzido na educação, reiniciando o ciclo que atravessa todo o conteúdo de uma forma mais diversa que anteriormente. A melhor forma de percebermos esta ideia é através da figura de uma espiral tridimensional que, quanto mais desenvolvida, mais longe está do ponto de interesse inicial, ao mesmo tempo em que permite um maior acúmulo de informação específica relacionada àquele interesse inicial. Isso nos faz pensar que são bastante oportunos os programas que têm na extensão os tentáculos que se comunicam com a sociedade, permitindo que a partir desse contato possam surgir interesses de pesquisa que irão realimentar o conteúdo das salas de aula.

Contudo, poucas são as propostas pedagógicas que conseguem fugir da tradição positivista de a) isolar os objetos de estudos dos seus contextos sociais, políticos e culturais, b) simplificar a construção do conhecimento pelo uso de métodos superespecíficos e, c) enquadrar burocraticamente, os projetos de pesquisa e extensão dentro das grandes áreas temáticas (ciências exatas, ciências humanas, ciências sociais aplicadas, etc.). Percebemos que a prática educacional contemporânea está organizada em torno da concepção de que os aprendizes são seres mais ou menos constantes com conhecimentos estáticos e inadequados, interessados apenas em competências que os tornem competitivos no mercado de trabalho.

Nesse cenário, o papel da educação seria apenas completá-los. Nele, não há espaço evidente para o diálogo e para a transdisciplinaridade! O que se constata no contexto atual do ensino universitário brasileiro é valorização da quantidade de projetos de pesquisa e extensão sem muita preocupação com a qualidade dos mesmos. Apesar de a educação ser um processo, onde sempre há espaço para muitas contradições, é mais fácil homogeneizar os modelos e as ações em busca de resultados. Como indicamos antes, pelos parâmetros atuais do ensino, todos os projetos e ações devem ser enquadrados, quase que matematicamente, nos nichos predeterminados pelo modelo cartesiano positivista, que não comporta a desordem e a contradição e sempre unifica o múltiplo.

No caso dos cursos superiores de turismo vivemos a carência da busca da compreensão da complexidade do fenômeno turístico. Hoje, a maioria dos currículos prioriza o estudo analítico do turismo, em disciplinas que estruturam conhecimentos e visões específicas: a geografia cuida da visão espacial; o agenciamento e o transporte, da parte operacional das viagens; a hospedagem do funcionamento dos meios de hospedagem, e assim por diante. Para o estudante, o turismo é apresentado como uma colcha de retalhos, que ainda não está arrematada. Alguns deles tentam juntar os retalhos dos conhecimentos repassados, enquanto outros elegem uma área específica como predileta e a seguem, alheios às possibilidades que as interações com as outras áreas que deixou de lado possibilitariam para suas vidas profissionais.

Paradoxal e curiosamente, estamos no tempo do turismo de experiência, onde a qualidade diferencial está nas relações que a diversidade cultural propicia. Entretanto, nossos cursos ainda não se apropriaram disso e, continuam apresentando o turismo ora como um fenômeno socioespacial, ora como um negócio lucrativo e competitivo, ou ainda, como um sistema aberto e extremamente dependente do meio ambiente onde está inserido. Assumimos que ele é tudo isso, mas não apenas isso. Um fenômeno tão amplo e complexo, não pode ser visto apenas por esses olhares míopes e fragmentados.

Seria culpa do estudante não conseguir perceber e articular o jogo complexo de relações e inter-relações que o fenômeno turístico oferece ao estudo? Ou isso cabe, ou deveria caber, ao corpo docente, pesquisadores e aos projetos pedagógicos propostos?

O que podemos constatar, infelizmente, é que essa extensa e densa interdisciplinaridade que envolve atualmente a formação do profissional de turismo

não leva a uma compreensão que vá além de um rol de informações isoladas, formatadas nas diferentes disciplinas, e que permita intervir num fenômeno que capitaliza insumos da natureza, da cultura urbana e rural, transformando-os em bens sociais. O conhecimento turístico compartimentado acaba entregue a uma série de especialistas, técnicos treinados para enfrentar problemas dividindo-os por regiões, segmentos, atividades, etc. (MOESH, 2002, P.27).

Desse modo, o grande desafio que se apresenta está em conciliar a formação técnica e instrumental com a organização de todo o saber que o fenômeno turístico permite, produz e articula. Para tanto, a incorporação efetiva do tripé ensino-pesquisa-extensão no dia a dia das instituições universitárias se impõe como condição *sine qua non*.

Torna-se fundamental a articulação concomitante das atividades de iniciação científica, de extensão universitária e de ensino, para se construir uma formação holística do futuro profissional que, além das técnicas e das teorias sobre o fenômeno turístico, lhe possibilite articular o conhecimento e a realidade dos destinos turísticos, onde o novo, o incerto, o inesperado são partes integrantes. Como bem nos coloca Marrutschka Moesh “a realidade desse fenômeno, sua prática social, exige uma nova práxis, um novo saber-fazer, com uma nova referência, conjugando objeto, teoria, método e prática.” (2002, p. 27).

A articulação entre a universidade e seu entorno sociocultural não é, pelo menos na maioria dos casos, uma diretriz prioritária da gestão institucional. Não obstante as enormes possibilidades de geração de produtos, tecnologias e serviços públicos e privados dentro das universidades, o que vemos é uma enorme separação que facilita o discurso distorcido, segundo o qual deve ser prioridade para o país investir em educação básica, não em ciência e tecnologia, quando, sabidamente, tudo caminha junto. Assim, a interação universidade-sociedade passa a ser um processo deliberado pelos professores universitários, dado que são eles que formulam projetos, pedem aprovação e recursos das universidades para executá-los e iniciar suas atividades.

O vínculo entre a universidade e o seu entorno sociocultural revela-se possível através do desenvolvimento de atividades de extensão, a partir das quais o conhecimento desenvolvido e aprimorado na academia pode ser socializado com todos os cidadãos. Em outras palavras, as atividades de extensão devem colaborar na articulação da universidade com a sociedade, em um processo interativo que torna possível a troca dos saberes entre os seus diversos agentes sociais. A partir das atividades de extensão pode se estabelecer um processo educativo ampliado, capaz de articular o ensino e a pesquisa com o cotidiano da sociedade e permitir que o estudante e o pesquisador possam experimentar a realidade e testar suas hipóteses na contemporaneidade.

Em um projeto universitário articulado e bem estruturado, os espaços-tempo (SOUZA SANTOS, 1995) de pesquisa, ensino e extensão devem se confundir e se sobrepor, visto a interdependência e a complementaridade entre pesquisar o novo, interagir com a comunidade e propiciar ao estudante o aprendizado teórico com base na realidade local, que pode ser vivida, criticada e discutida. A retroalimentação desse sistema deve ser constante e ininterrupta, permitindo que o conhecimento adquirido leve a construção de um novo patamar mais amplo e abrangente do conhecimento.

Entendemos educação como um processo dialógico entre o aprender e o ensinar, que se inicia com o nascimento e só termina com a morte do ser humano. Nesta perspectiva, a educação pode ser agrupada de acordo com a ordenação e intencionalidade em: a) educação informal, que ocorre a

qualquer hora em qualquer lugar sem uma intencionalidade predeterminada; b) educação não formal que ocorre em locais específicos (museus, centros de ciências, bibliotecas, centros comunitários, parques, etc.), com uma intencionalidade predeterminada, mas não necessariamente ordenada; e; c) a educação formal que pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado (BIANCONI; CARUSO, 2005). A educação formal, portanto, é um processo intencional, que ocorre de modo ordenado com a intenção de formar capacidades, críticas e visões sobre o mundo de modo a facilitar a socialização, a reprodução cultural e a inovação cultural.

A universidade é tipicamente descrita como uma instituição de educação formal, mas que, também, deve ser agente da educação não formal e informal através de seus projetos de pesquisa e de suas ações de extensão que devolvem à comunidade as teorias e os produtos nela gerados. Ensino, pesquisa e extensão, como já dito, constituem as três funções básicas da universidade, as quais devem ser equivalentes e merecer igualdade de tratamento por parte das instituições de ensino superior, pois, ao contrário, estarão violando esse preceito constitucional (SILVA, 1997).

Assumindo que a efetivação do tripé ensino-pesquisa-extensão seja fundamental para a produção e reprodução do saber-saber e do saber-fazer, argumentamos que, o que dá vida à universidade é o movimento e a interação com o contexto sociocultural onde está inserida. Isso ocorre, principalmente, através das ações de extensão universitária, visto como o momento de por abaixo os muros que cercam o saber e de aguçar o olhar para o contexto espaço temporal onde a universidade esta estabelecida. É um dos momentos mais complexos das ciências sociais, quando o acadêmico pratica simultaneamente o distanciamento e o papel de indivíduo daquela sociedade. Sempre captamos demandas com nosso olhar inquieto e são essas as demandas que devem ser pesquisadas e analisadas no rigor da academia.

O que sustenta ou que deveria sustentar a vida universitária e a construção do saber acadêmico são os produtos e resultados dessas três funções, base da pirâmide que compõe a universidade. As pesquisas realizadas pela academia buscam respostas às questões que a sociedade lhe impõe e, instigam os cientistas a experimentar e testar hipóteses até estabelecer uma teoria ou atingir um novo estágio para determinado conhecimento. Teorias são explicações coerentes que derivam da observação e/ou da investigação dos fenômenos, ou seja, das pesquisas científicas (MARCONI, LAKATOS, 2005). São fundamentais para o processo educativo, pois expressam uma forma de organizar as percepções sobre os acontecimentos e fatos num determinado contexto lógico. Quando não são suficientes para explicar os fenômenos da contemporaneidade, denuncia-se uma crise de paradigmas. Este é o momento histórico que atravessamos nas ciências sociais atualmente.

Paralelamente, pelas ações extensionistas a universidade se comunica com a sociedade onde se insere, prestando-lhe serviços e democratizando o conhecimento acumulado no seu interior e atendendo às demandas sociais apresentadas. E, por fim, os profissionais formados pela universidade ingressam para as atividades econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade, levando com eles os conhecimentos, as teorias e as técnicas apreendidas na academia (Figura 2).

Aplicando o tripé ensino-pesquisa-extensão no contexto do curso de turismo da Universidade Federal Fluminense

As áreas naturais preservadas e/ou protegidas por lei são vistas como atrativos turísticos que quase sempre se destacam e te-las em seus limites permite aos destinos turísticos estruturarem produtos turísticos mais competitivos e aumentarem sua participação na captação de fluxos de demanda turística. Cada vez mais o patrimônio natural é incorporado ao produto dos destinos turísticos, quase sempre sendo visto como um dos pontos fundamentais para a sua diferenciação e para o incremento da experiência do visitante, o que lhes permite aumentar a sua competitividade no mercado turístico atual.

Nesse cenário, surgem diversas questões relacionadas com a formação do profissional de turismo, entre as quais destacamos algumas específicas: a) como formar profissionais de turismo capazes de assumirem a gestão de unidades de conservação ou de comporem produtos turísticos a partir delas de forma responsável e equilibrada? b) como construir o conhecimento que nos possibilite encontrar o ponto de equilíbrio entre a preservação das áreas naturais protegidas e o seu uso para o turismo?

Buscando possíveis respostas para essas e para outras questões similares e complementares, os alunos do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense se aproximaram do Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET), ainda nos idos de 2006. Inicialmente, estimulados apenas para o desenvolvimento de alguns trabalhos de campo disciplinares propostos, depois como cidadãos de Niterói, envolvidos com o processo de consolidação daquela unidade de conservação e com a sua preservação. E, mais recentemente, como um grupo de trabalho organizado e estruturado para promover a materialização do tripé ensino-pesquisa-extensão, em todas as suas variantes e possibilidades, tendo o Parque como um laboratório aberto.

O Parque Estadual da Serra da Tiririca

Situado entre os municípios de Niterói e Maricá, na parte oriental da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, o Parque Estadual da Serra da Tiririca (PESET) foi criado pela Lei Estadual nº 1.901, de 29 de novembro de 1991, com objetivo principal de reduzir os processos de ocupação irregular e impedir o comércio de aves silvestres e outros animais da região. Em 2012 o seu território foi ampliado com a incorporação da Reserva Municipal Darcy Ribeiro, das ilhas oceânicas do Pai, da Mãe e da Menina e do Morro da Peça (Niterói), atendendo às demandas de diversos movimentos sociais da região e do Conselho Consultivo do PESET (COMPERJ, 2013). Importante salientar que o PESET é o único parque estadual do Rio de Janeiro que teve a sua criação motivada por vontade popular, consequência do movimento ambientalista e comunitários dos municípios de Maricá e Niterói, iniciado no início da década de 1980 (GIULLIANI et al, 2008).

O PESET (Figuras 3 e 4) possui, atualmente, uma área de aproximadamente 3.520 hectares, com fauna e flora originais de Mata Atlântica. Em seus limites territoriais, constituído por um conjunto de elevações, ilhas marítimas, sistemas lagunares e vales estimam-se existir 350 espécies de plantas, diversas espécies animais, dentre as quais podemos destacar o jacaré do papo amarelo, o tamanduá bandeira, a preguiça, a jaguatirica e o jabuti de cabeça vermelha. (SATHLER, MENDONÇA, 2009)

Figura 3. O PESET no contexto da Região Metropolitana do Rio de Janeiro



Fonte: PESET, 2012

Figura 4. Mapa das trilhas e pontos de interesse do PESET.



Fonte: INEA, 2009

Além da biodiversidade e da riqueza natural, o PESET possui também, relevância histórica e científica. Em 1832, Charles Darwin, o naturalista que revolucionou a Ciência com sua “Teoria da Evolução das Espécies”, esteve na área que hoje forma o Parque, em sua viagem pelo estado do Rio de Janeiro. O trecho que Darwin percorreu a cavalo é hoje uma das trilhas oficiais do PESET constituída por uma estrada de 2 km de extensão em leve aclive que corta o parque entre o Engenho do Mato (Niterói) e Itaoca (Maricá) (Figura 4). (SATHLER, MENDONÇA, 2009).

Esse conjunto de ambientes foi considerado pela UNESCO, em 1992, como Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, em reconhecimento à sua relevância ecológica e, recebe cerca de 50.000 visitantes por ano, de acordo com dados da sua equipe gestora.

A criação do Grupo de Turismo em Áreas Protegidas (GTTAP)

Consciente da condição do PESET como um importante atrativo turístico para os municípios de Niterói e Maricá, o então diretor do parque, Adriano Lopes de Melo, no início de 2009, entrou em contato com o Departamento de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) manifestando interesse na realização de pesquisas que os auxiliassem no processo de gestão e de ordenamento do uso público do parque. Afortunadamente, encontrou um cenário muito positivo, pois o Curso de Turismo da UFF, então integrante da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, além de ter em seu quadro de professores pós-graduados em geografia, engenharia, ciências sociais e estudantes que já pesquisavam a região do PESET, possui um projeto pedagógico que contempla e estimula tanto a pesquisa como as atividades de extensão.

Para atender a demanda apresentada, foi criado o Grupo de Trabalho de Turismo em Áreas Protegidas (GTTAP). O GTTAP foi constituído tendo como objetivos principais: a) estimular o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas; b) desenvolver projetos de extensão universitária; c) prestar consultoria para unidades de conservação; d) colaborar para a preservação das áreas naturais; e) ser um campo de estágio interno para estudantes da UFF e, f) fomentar a publicação do conhecimento acumulado pelas suas ações de pesquisa e extensão.

A primeira atividade extensionista desenvolvida pelo GTTAP para o PESET foi o planejamento e a realização da pesquisa sobre o perfil do visitante atual do Parque, informação considerada fundamental pelos seus gestores para a tomada de uma série de decisões que se faziam prementes, como sinalização de trilhas, definição de limites de capacidade de carga, delimitação das áreas de uso público e daquelas que necessitavam ser fechadas por questões ambientais e de conservação de elementos dos seus ecossistemas.

O processo de definição das variáveis de estudos a serem contempladas pela pesquisa foi discutido pelo grupo e, após apresentação e discussão com o gestor do PESET, foi estabelecido um instrumento para entrevistas estruturadas com 39 perguntas, em sua grande maioria, objetivas. O formulário estabelecido contempla desde as clássicas variáveis sobre o perfil sociocultural e econômico do visitante, motivos da visita, nível de conhecimento das características do parque, pontos fortes e problemas que a visita ao PESET oferecia.

A primeira coleta de dados ocorreu, em três pontos específicos do PESET: subsede (Itacoatiara), Mirante de Itaipuaçu e Morro das Andorinhas (Itaipú), entre os dias 18 e 26 de julho de 2009, de 9h às 18h, horário de funcionamento do PESET no período de inverno. O público alvo da pesquisa foram os visitantes do PESET, entrevistados no momento em que deixavam o atrativo. Foram entrevistados um a cada 10 visitantes com idade superior a 14 anos, independente do gênero e origem.

No total, foram realizadas 231 entrevistas. O tempo médio de execução das entrevistas foi de oito minutos.

A realização da pesquisa foi possível pelo apoio institucional da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, à garantia do transporte pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense e o apoio da gestão do PESET, que cuidou da logística da pesquisa e garantiu a alimentação dos estudantes durante os períodos de pesquisas.

Os resultados dessa primeira pesquisa do perfil do visitante revelaram que o visitante atual do Parque, em sua maioria, era de jovens, com alto grau de escolaridade, alto nível de renda, mas que, apesar disso, desconhece os aspectos histórico-naturais do parque. A pesquisa também sinalizou que o Parque é muito bem avaliado por seus visitantes e indicou que 99% dos entrevistados pretendiam retornar. Revelou também que, o frequentador do PESET não se aproxima das características clássicas do perfil do ecoturista, estando mais próximo do perfil dos praticantes de atividades de lazer ligadas ao contato com a natureza (caminhadas, escaladas, rapel), e, que majoritariamente são moradores das áreas de entorno do Parque não visitantes que podem ser classificados como turistas.

Os resultados finais dessa primeira etapa de pesquisa foram apresentados, ainda em caráter preliminar no Ciclo de Palestras do Curso de Turismo da UFF, em outubro de 2009 e, a seguir, foram entregues formalmente à gestão do PESET e ao Conselho Consultivo do Parque (ROSA, 2009). Desde então, as discussões sobre os resultados das pesquisas no Parque tem gerado artigos científicos e trabalhos de conclusão do Curso de Turismo da UFF, confirmando a viabilidade de articulação do ensino-pesquisa-extensão.

A partir dos resultados da primeira coleta de dados sobre o perfil do visitante, realizou-se uma avaliação crítica dos resultados encontrados e, após diversas rodadas de discussões, optou-se pela reformulação de algumas variáveis de estudo e do instrumento de pesquisa adotado. Essas reformulações foram cuidadosamente avaliadas para que mantivesse os parâmetros de operacionalização das variáveis, a fim de evitar problemas com a construção da série histórica dos dados sobre os visitantes do PESET.

As pesquisas passaram a ser realizadas regularmente, a partir de então e estão constituindo um banco de dados com uma série histórica de informações (Tabela 1) que vêm colaborando com a gestão diária do Parque e também, servindo de fonte de informações para trabalhos acadêmicos e para o próprio Plano de Manejo do PESET que se encontra em fase final de consolidação (FRATUCCI, 2011).

Tabela 1. Principal motivo da visita ao PESET

PRINCIPAL MOTIVO DA VISITA AO PESET	2009		2010		2011		2012	
	Valor Absoluto	Valor Relativo						
Praticar esporte/Atividade física	179	77,49	123	35,14	32	20,65	34	11,60
Conhecer o Parque	0	0,00	0	0,00	7	4,52	13	4,44
Contato com a natureza/Vista/Paisagem	37	16,02	139	39,71	39	25,16	88	30,03
Turismo/Lazer/Passado	14	6,06	33	9,43	56	36,13	105	35,84
Trazer outras pessoas	0	0,00	0	0,00	6	3,87	9	3,07
Desenvolver atividade acadêmica	0	0,00	0	0,00	4	2,58	10	3,41
Relaxar/saúde	0	0,00	0	0,00	6	3,87	12	4,10
Outros motivos	1	0,43	55	15,71	5	3,23	22	7,51
TOTAL	231	100	350	100,00	155	100,00	293	100,00

Fonte: Arquivo GTTAP-UFF, 2012

Novas perspectivas das ações do GTTAP junto ao PESET

Os resultados das pesquisas de demanda efetiva vêm colocando ao GTTAP uma longa lista de questionamentos que se tornam a cada dia, possibilidades para novas pesquisas. Por exemplo, o que começou com uma pesquisa utilizada inicialmente para identificar o perfil dos turistas/visitantes, tornou-se um banco de dados sobre a visitação no seu sentido pleno, não obstante o local de moradia. Isso ocorreu, porque percebemos que o comportamento do visitante é um dado mais importante para a gestão do PESET do que o local de residência fixa do entrevistado. Caso o GTTAP seguisse de modo burocrático as teorias e se preocupasse apenas com a opinião dos turistas, estaria ignorando cerca de 80% da demanda efetiva do PESET, que são residentes dos municípios limítrofes ao Parque.

Essa reflexão levou-nos a perceber que a melhor maneira de prestar serviços ao Parque era a constituição do Observatório de Monitoramento dos Impactos do Uso Público no PESET. Para um parque urbano, situado à beira-mar, bastante utilizado como área de lazer pela população, compreender e ordenar a visitação são pontos críticos para viabilizar, simultaneamente, a preservação do bioma Mata Atlântica e a fruição dos seus visitantes.

O projeto do Observatório foi apresentado em reunião da Plenária do Departamento de Turismo e, após aprovação, foi apresentado à Pró-Reitoria de Extensão como projeto de extensão para o exercício de 2010, com a concessão de uma bolsa de extensão para um dos alunos inseridos no projeto. A proposta foi aprovada e o Observatório consolidou-se como um programa de extensão de caráter permanente congregador de diversos projetos de extensão e pesquisa.

Simultaneamente, diante da qualidade e da pertinência dos resultados da primeira pesquisa, a gestão do PESET convidou o GTTAP para fazer parte do Grupo de Trabalho de Turismo do Conselho Consultivo do Parque, como consultor técnico na área de uso turístico. Desde setembro de 2009, o grupo vem estando presente em todas as discussões daquele fórum e, desde 2010, passou a ser membro efetivo do próprio Conselho Consultivo do Parque (FRATUCCI, 2011).

Como o Conselho Consultivo do PESET, a partir da aprovação do seu regimento interno em novembro de 2010, determinou a transformação dos grupos de trabalhos em Câmaras Técnicas, o GTTAP também foi convidado a participar como consultor técnico nas três câmaras existentes: Câmara de Turismo, Câmara de Zonas de Amortecimento e Câmara das Comunidades de Entorno do PESET. Esse fato abriu uma grande perspectiva para outras atividades tanto de extensão como de pesquisa para o GTTAP e para outros docentes e discentes da UFF.

No início de 2010, o grupo reuniu-se para elaborar o seu planejamento estratégico e, dado ao seu novo papel no âmbito do Conselho Consultivo do PESET, foi definido o estabelecimento de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Iniciação Científica – PIBIC, com o objetivo de desenvolver uma metodologia de ordenamento do uso público, específica para PESET. Um dos fatos que estimulou essa decisão foi a publicação do edital de licitação para o processo para escolha de empresa para construção do plano de manejo do Parque.

A pesquisa proposta por aquele projeto de iniciação científica tem como objetivos específicos: a) Inventariar as áreas de uso público do PESET, em especial as trilhas abertas à visitação, buscando compor um banco de dados sobre suas características fisiográficas, ambientais, paisagísticas e turísticas; b) Identificar e priorizar as atividades de lazer e recreação compatíveis com os objetivos de preservação do PESET; c) Analisar as diversas metodologias de uso público de unidades de conservação disponíveis, em especial: estudo de Capacidade de Carga de Miguel Cifuentes, Visitor Impact Management (VIM), Limits of Acceptable Change (LAC), Visitor Experience and Resources

Protection (VERP), Visitor Activity Management Process (VAMP), Tourism Optimization Model (TOMM) e Recreation Opportunity Spectrum (ROS); d) Elaborar uma metodologia específica para o ordenamento do uso público do PESET; e f) Oferecer subsídios para a gestão do uso público do PESET, em especial na elaboração do plano de manejo do parque, em fase de licitação.

Nesse tempo de atuação, as atividades do grupo já resultaram em: a) realização de quatro coletas de dados sobre o perfil do visitante: 2009, 2010, 2011 e 2012; b) desenvolvimento do projeto de iniciação científica “Definição de metodologia para gestão do ordenamento do uso público no PESET”; c) participação no processo de planejamento participativo para a construção do Plano de Manejo do PESET, desenvolvido pela empresa Nova Terra; d) estudos para desenvolvimento de um projeto de uso turístico para o Caminho Darwin, ainda em fase de estudos preliminares; e) participação nas ações do Conselho Consultivo do Parque envolvendo os estudos para a ampliação dos limites do PESET, com a proposta de incorporação das ilhas Pai, Mãe e Filha e da Reserva Biológica Darci Ribeiro ao Parque e, os impactos da implantação do duto do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro (COMPERJ) dentro da sua zona de amortecimento (Itaipuaçu); f) desenvolvimento e apresentação de diversos artigos em eventos científicos nacionais e um internacional (Uruguai); g) produção de quatro trabalhos de conclusão para o curso de Turismo (já apresentados e aprovados) e de outros dois, ainda em fase de elaboração; h) apresentação de um artigo científico no Congresso Latinoamericano de Investigação Científica, ocorrido em Montevidéo, em 2010, dois artigos científicos no Congresso Brasileiro de Ecoturismo de 2009, quatro outros no Congresso Brasileiro de Ecoturismo de 2011 e um artigo no V Encontro de Hospitalidade e Turismo da UFF (ENHTUR) de 2013.

Importante ressaltar que até o momento, o GTTAP-UFF envolveu 19 discentes em tempo integral e 95 discentes durante os períodos das coletas de dados nas pesquisas de campo. Dentre os discentes com atuação permanente, quatro foram contemplados com bolsa de extensão (PROEX/UFF), três com bolsas de iniciação científica (CNPQ/PIBIC) e dois com bolsas do programa de estágio interno da UFF.

Atualmente, fica mais difícil delimitar o que é uma prestação de serviços à comunidade – extensão universitária – e o que é pesquisa científica ou pesquisa aplicada, no rol das atividades do GTTAP. Por decisão dos próprios alunos participantes, foi instituído um grupo de leitura e estudo sobre temas correlacionados às atividades do grupo, com reuniões quinzenais, como forma de aprofundar determinadas questões teóricas e conceituais que a prática da pesquisa e da extensão está revelando e instigando.

Além disso, a atuação dos docentes e dos discentes nas atividades regulares do Conselho Consultivo do Parque, incluindo audiências públicas, eventos culturais, reuniões de trabalho vem ocorrendo cada vez com maior intensidade, revelando que a relação universidade-sociedade está se solidificando e dando resultados concretos.

Considerações finais

Ao revisarmos a evolução do ensino do turismo no Brasil, observamos que as necessidades de oferecer mão de obra qualificada para o mercado de trabalho levou as instituições de ensino superior a priorizar o lado técnico e instrumental em detrimento da pesquisa e dos estudos mais teóricos sobre o conhecimento do turismo, principalmente no caso do estado do Rio de Janeiro. Como bem

nos aponta Rejowski (1995), somente a partir da década de 1990, começaram a tornarem-se mais evidentes as primeiras preocupações com uma formação mais crítica e criativa dos profissionais de turismo.

A articulação do tripé de funções ensino-pesquisa-extensão ainda é pouco concretizada e, quando ocorre, é a partir de processos segmentados e estanques, quase sempre sem continuidade e com pouca ou nenhuma interdisciplinaridade. O esforço de implementar um processo de formação profissional que articule esse tripé tem sido buscado pelo Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense, que tem na sua missão o foco básico na formação de profissionais capazes de gerenciar qualquer tipo de sistema turístico, independente de sua escala ou tipologia.

A constituição do GTTAP em 2009, a partir de uma demanda da equipe gestora do PESET, veio oportunizar um espaço-tempo (SOUZA SANTOS, 1995) onde os docentes e discentes do curso de turismo da UFF estão concretizando aquelas três funções da universidade de forma dialógica. A demanda por uma atividade de extensão – proposta pelo PESET – gerou a oportunidade de aplicação prática do conteúdo de algumas disciplinas curriculares (Técnicas de pesquisas aplicadas ao turismo, Gestão de destinos turísticos e Turismo e meio ambiente, principalmente) e, os seus resultados iniciais provocaram a proposição de criação do Observatório de Monitoramento dos Impactos do Uso Público no PESET e, indicaram a necessidade do desenvolvimento de um projeto de pesquisa objetivando a construção de uma metodologia específica para ordenamento do uso público do Parque.

Paralelamente, os resultados da pesquisa sobre o perfil do visitante atual do Parque, apresentados para a sua equipe gestora em setembro de 2009, levaram a inclusão do GTTAP, inicialmente no Grupo de Turismo do Conselho Consultivo do PESET e, posteriormente, no próprio Conselho Consultivo. Essa inclusão do GTTAP nesses fóruns de gestão, como consultor técnico para as questões relacionadas com o uso público e turístico do PESET, indicam ser plenamente possível aproximar a academia da sociedade que a contém e a comporta, seja através de atividades de extensão diretas (pesquisas aplicadas e prestação de serviços), seja através do desenvolvimento de pesquisas específicas que busquem ampliar o conhecimento necessário para a gestão dos processos sociais e ambientais daquela sociedade.

Tanto o Parque Estadual da Serra da Tiririca como a Universidade Federal Fluminense são elementos componentes do contexto sociocultural e ambiental da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e, dentro das suas especificidades, colaboram para a vida cotidiana das suas populações. Ao integrá-los dialogicamente em um processo de pesquisa e extensão, a Universidade vem cumprindo o seu papel de entidade gestora, produtora e mantenedora do saber e do conhecimento e, avança para a democratização desse mesmo saber e conhecimento, disponibilizando-o em benefício do processo de gestão de uma unidade de conservação, fundamental para a qualidade de vida dos moradores da parte oriental da Baía da Guanabara.

Junto a tudo isso, é possibilitada aos alunos da UFF a oportunidade de um exercício concreto e prático de aplicação e conjugação das teorias e metodologias vistas em sala de aula, com resultados práticos e efetivos para a sociedade da qual fazem parte. Entendemos que as atividades do GTTAP sejam importantes por gerarem questionamentos e apontamentos que dialogam com o real e que demandam ações que podem ser testadas pela equipe gestora do PESET, ao mesmo tempo em que podem ser aprofundadas pelos estudantes e apresentadas em congressos científicos.

A iniciação científica e a atividade de extensão, aliadas a um processo de ensino sistematizado e bem articulado, mostram ser possível a interação e a integração entre sociedade e universidade, a partir de um processo complementar e, ao mesmo tempo, contraditório, portanto, dialógico. A

retroalimentação constante desses processos ativa e revigora todos os participantes, exigindo um aprofundamento constante em todas as questões que se colocam, desde aquelas de ordem prática e imediatas, até as mais relacionadas com o estar no mundo, ser parte dele e ter sua responsabilidade para com ele.

Referências bibliográficas

COMPERJ, Agenda21COMPERJ. Disponível em: <<http://www.agenda21comperj.com.br/noticias/parque-estadual-da-serra-da-tiririca-e-ampliado>> Acessado em: 21 de Julho de 2013.

BRASIL, Breno Platais Teixeira. **O Uso Público do Parque Estadual da Serra da Tiririca: o perfil do visitante e um desafio de gestão.** Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009. 181p.

DAVIS, Brent; SUMARA, Dennis; LUCE-KAPLER, Rebecca. **Engaging Minds: changing teaching in complex time.** 2ª Ed. New York: Routledge, 2008.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo.** São Paulo, Aleph, 2002.

FRATUCCI, Aginaldo César. **Perfil do visitante do Parque Estadual da Serra da Tiririca: Relatório Final. Niterói, RJ.** Relatório de Pesquisa. 2011.

GIULIANI, Gian Mario et al. O parque Estadual da Serra da Tiririca: o movimento ambientalista de Niterói cria sua área protegida. IN: IRVING, Marta de Azevedo, et al (Org.). **Parques Estaduais do Rio de Janeiro: construindo novas práticas para a gestão.** São Carlos, RiMA, 2008, p. 55-68.

MARCONI, M.A., LAKTOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2005.

MOESCH, Marrustschka. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. IN: GASTAL, Susana. **Turismo: investigação crítica.** São Paulo, Contexto, 2002, p. 25-44.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade.** São Paulo, Peirópolis, 2000.

REJOSWSKI, Miriam. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira.** Campinas-SP, Papyrus, 1995.

ROSA, Leandro Almeida de Barros. **Parque Estadual da Serra da Tiririca: a Comunicação Como Instrumento De Preservação E Sustentabilidade.** Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009,144p.

SATLHER, E. B., MENDONÇA, L. M. V. M. Caminho Darwin: breves considerações sobre o fomento da atividade turística como mecanismo de incremento da visibilidade do Parque Estadual da Serra da Tiririca (RJ). In: CORRÊA, M. L., PIMENTA, S. M., LACERDA, J. R. **Turismo, sustentabilidade e meio ambiente: contradições e convergências.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. P. 209-233.

SILVA, Oberdan Dias da (1997). O que é extensão Universitária? In. **Integração Ensino, Pesquisa, Extensão.** III (9): 18 – 9, maio 1997.

SOUZA SANTOS, b. **Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade.** São Paulo: Editora Cortez, 1995.